

# Pacote deixa novatos sem rumo

CESAR MOTTA

Os novos deputados e senadores passaram na última semana pela primeira prova de fogo, com a votação acelerada do Plano Collor II. Alguns inteiramente perdidos, sem saber direito nem ao menos o que estava sendo votado. Outros já ativos e até fazendo parte do centro nervoso de decisões do Congresso, como o petista Aloísio Mercadante (SP), o pedetista Carrion Júnior (RS) e o petebista Nelson Marquzelli (SP).

As práticas regimentais, por enquanto, são as que mais confundem os novos parlamentares. Na quarta-feira à noite, em um canto do plenário, o líder do PL, Ricardo Fiúza (PE), tentava, em uma conversa de pé-de-ouvido, convencer o deputado Paulo Octávio (PRN-DF) a se retirar do recinto, para dar curso à estratégia dos governistas de negar **quorum** para determinada votação. Fiúza não conseguiu. Irredutível, Paulo Octávio dizia: "Não posso abandonar o plenário, estou começando um mandato, vai pegar muito mal". Ricardo Fiúza rendeu-se: "Está bem, mas pelo menos vote com o Governo". Vendo que Paulo Octávio não conseguia acionar o mecanismo de votação eletrônica, o deputado pernambucano, com toda a paciência do mundo, votou por ele.

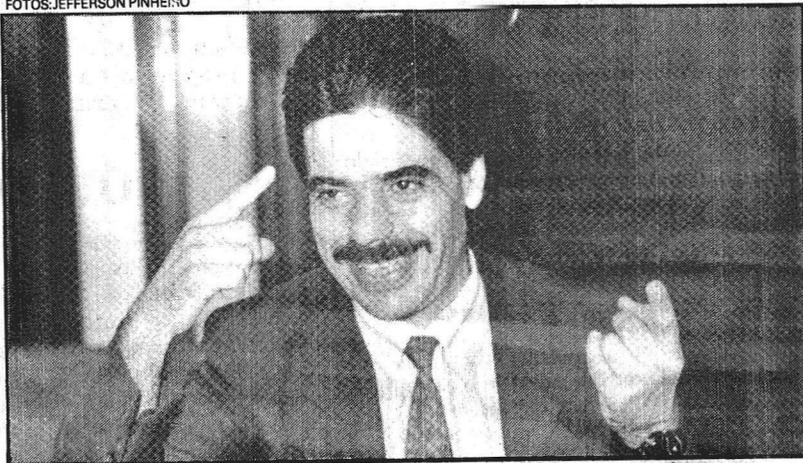
## COMPORTAMENTO

Mas há políticos veteranos que retornam e têm comportamento de novatos. O ex-governador Miguel Arraes (PSB-PE), por exemplo, esqueceu-se de que, no Congresso, mesmo entre inimigos ideológicos, o relacionamento é cordial. No início da semana, ele disse a um grupo de repórteres que iria fazer uma coisa que daria um ótimo assunto para eles. E, com ar enigmático, aproximou-se de um deputado de direita e deu-lhe um longo e caloroso abraço. Ficou frustrado porque ninguém deu a mínima importância ao gesto.

Não se frustraria se ouvisse antes a análise bem-humorada do petista mineiro Paulo Delgado: "Aqui a luta de classes é enlatada. Por exemplo, o Lael Varella aqui comporta-se como um amigo meu, me abraça, me convida para almoçar, brinca comigo. Lá em Juiz de Fora, proíbe que eu fale em sua emissora de rádio e até mesmo que eu seja citado em seus noticiários".

Todos ficaram bem impressionados com o estilo firme do presidente do Congresso senador, Mauro Benevides (PMDB-CE) ao presidir os trabalhos de plenário. Mas Jandira Feghali (PC do B-RJ), entre outros, estava revoltada quando a sessão estava sendo presidida pelo

FOTOS: JEFFERSON PINHEIRO



**Brizola reclama dos tumultos em volta dos microfones**



**Feghali: revoltada com a "parcialidade" de Alexandre Costa**

vice-presidente Alexandre Costa (PFL-MA): "Ele é parcial e tendencioso em suas decisões. Isto é um absurdo, estamos no Congresso Nacional", reclamava a deputada. Mauro Benevides tem um estilo gongórico e erudito de dirigir as sessões. Por isso, vai soar meio estranho quando ele disser "faça uso da palavra sua excelência o nobre deputado Pinga-Fogo de Oliveira".

## DESILUSÃO

A atriz e radialista Cidinha Campos (PDT-RJ) prometeu chegar e arrasar, denunciando tudo o que visse de errado e fazendo da palavra afiada e agressiva uma arma mortal. Pois ela está um pouco desiludida. "Nunca vi um sistema de trabalho tão desorganizado. Tem gente aqui que fala, fala, mas não diz nada, faz apenas firula e atrasa os trabalhos. As bancadas também querem marcar posição em tudo e não trabalham de modo prático". Na quinta-feira, Cidinha via desconsolada a fila de parlamentares que se formava para votar na bancada avulsa. "Olha só que coisa de-

primente. Parece coisa de colegial. As coisas tinham que ser mais organizadas. E este placar que vive pifado? Até o placar do Maracanã funciona".

Ela se irritava também com a votação pelo sistema de levantar os braços. "Não pode ser feito desta forma. Isto aqui não é um programa de auditório". Ela não se conforma ainda que muitas vezes o plenário não dê a menor atenção a um orador que esteja falando. Logo no início da legislatura, ela brincou que toda vez que falava, a deputada carioca Sandra Cavalcanti (PFL) sua adversária, se retirava do plenário. E ouvia aplausos. "Não sei se aplaudem o que estou dizendo ou se aplaudem a Sandra porque está se retirando", disse. Na sessão inaugural do Congresso, Cidinha achou tudo confuso e desorganizado: "Quando o presidente da República toma posse, ou quando juízes dos tribunais superiores são empossados, há mais solenidade, mais ritual. Aqui no Congresso a coisa é feita de cambulhada. Acho que teria que haver mais dignidade na posse".